

DISCURSO DE PARANINFIA PROFERIDO POR OCASIÃO DA FORMATURA DOS MÉDICOS DA TURMA DE 2008.1 DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA¹

Paulo Novis Rocha²

Faculdade de Medicina da Bahia; Salvador, BA, Brasil

Prezado Professor Doutor José Tavares Carneiro Neto, diretor da instituição primaz do ensino médico e superior na Bahia e no País, a bicentenária Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia;

Prezada Coordenadora do Colegiado do Curso de Graduação em Medicina, Professora Doutora Helenemarie Schaeer Barbosa;

Prezada Professora Doutora Eliane Elisa de Souza e Azevêdo, que hoje cede o seu nome e prestígio a esta turma de formandos da FMB-UFBA;

Prezados colegas, professores homenageados, que saúdo e congratulo na pessoa do Professor Doutor Antônio Alberto da Silva Lopes, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA;

Prezado colega e amigo, Professor Doutor Antonio Carlos Vieira Lopes, Patrono da Turma;

Prezada funcionária homenageada, Marita Graciela Ventura;

Prezados pais e familiares, senhoras e senhores da platéia;

Queridos alunos, jovens colegas e agora afilhados:

“Ama-se mais o que se conquista com esforço” (Aristóteles). Formar-se em Medicina é, sem dúvida, uma conquista resultante da convergência de inúmeros esforços. Esforços iniciados há mais de duas décadas, com o trabalho amoroso dos seus pais em educá-los e prepará-los para a vida e para o trabalho. Recordo-me bem da alegria dos meus pais ao me entregarem o diploma de médico, aqui mesmo neste palco, há cerca de 13 anos. Reconheci hoje esta mesma alegria nos olhos úmidos dos vossos pais, cheios de orgulho, deixando transparecer uma leveza interior oriunda da sensação de dever cumprido. Eles conseguiram, nos dias de hoje, formar homens e mulheres de caráter, prontos para ingressarem na

mais nobre das profissões. Desde que me tornei um jovem pai há pouco mais de quatro anos, compreendo cada vez mais o significado e a grandeza deste feito. Parabéns a todos os pais aqui presentes, pois a conquista de hoje é também de vocês.

Neste momento quero, acima de tudo, reconhecer e enaltecer os esforços empreendidos pelos meus alunos, agora jovens colegas médicos, personagens principais desta festa. Vocês se prepararam para este momento durante boa parte de suas vidas. Não foi por sorte ou obra do acaso que conseguiram vaga no vestibular mais concorrido do estado. Sei também o quanto o curso médico é exigente e como os obrigou a sacrificar preciosos momentos de lazer e convivência familiar. Foi necessário primeiro compreender a Fisiologia para depois mergulhar na Patologia. Não foi atordoante perceber o quão complexo é o funcionamento de uma única célula? Talvez mais atordoante tenha sido perceber o quanto ainda se desconhece sobre o funcionamento celular! À medida que estas células se agrupam em tecidos, formando órgãos e sistemas, cresce a complexidade e o volume do conhecimento, mas crescem também os questionamentos, as incertezas. O nosso domínio acerca do funcionamento do corpo humano e suas patologias vem aumentando rapidamente a cada ano. Paralelamente, cresce a nossa admiração e espanto diante do seu mistério. Já desvendamos toda a seqüência de aminoácidos do nosso genoma, mas ainda não conseguimos extrair as informações nela contidas. É como se tivéssemos descoberto o mapa do tesouro, mas num código de sinais que somos incapazes de decifrar. Sabemos, por exemplo, que o genoma humano é quase 99% homólogo ao de um macaco – não é intrigante que esta diferença, talvez desprezível aos olhos dos físicos ou matemáticos, resulte em fenótipos tão diferentes?

Mas não é apenas a máquina humana que é complicada. Na verdade, as doenças orgânicas até parecem simples quando comparadas às mazelas da mente e da alma humana. E como é o homem doente – e não a doença – que é o objeto de estudo e trabalho do médico, ele precisa ser compreendido do ponto de vista bio-psico-social e espiritual. Foi para isto que o curso médico que hora completam os preparou. Para tanto, este curso não poderia ser simples. O esforço que fizeram para concluí-lo valoriza ainda mais a conquista de hoje.

Nesta bela noite de festa, destaco também os esforços empreendidos por seus professores, aqui representados por este seleto grupo de homenageados. Vejo nesta mesa uma constelação constituída por estrelas de grande brilho que giram em órbitas diferentes da nossa faculdade - como a das disciplinas básicas, a das disciplinas clínicas e a das disciplinas cirúrgicas - mas que têm como eixo comum o amor e a dedicação ao ensino de graduação. Sei que cada um dos professores

Recebido em 06/09/2008

Aceito em 12/12/2008

Endereço para correspondência: Prof. Paulo Novis Rocha. Professor Adjunto-doutor do Departamento de Medicina da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia. C-elo: paulonrocha@ufba.br.
¹ Paraninfo da Turma do Bicentenário, de 2008.1, da Faculdade de Medicina da Bahia, Universidade Federal da Bahia. Saudação aos Formandos na Solenidade de Diplomação de 29 de Agosto de 2008.

aqui presentes gostaria de vos agradecer nominalmente e externar os seus sentimentos com relação a esta homenagem. Coube a mim a honra de falar em nome deles. Uma homenagem sincera e desinteressada por parte dos seus alunos é a maior honraria que pode ser concedida a um professor. De que valem os títulos acadêmicos e os cargos de chefia, se não se acompanham de um reconhecimento do corpo discente? Em nome dos professores homenageados, agradeço de coração a todos vocês por este reconhecimento. Sairemos daqui com energia renovada e brilho intensificado, prontos para um novo ciclo de ensinamentos e, principalmente, de aprendizado, pois, como disse *Joubert*, “ensinar é aprender duas vezes”.

A cerimônia de formatura representa apenas o encerramento do primeiro ato da longa peça dramática que é a vida de um médico. Amanhã, as cortinas serão re-abertas para dar início a uma vida árdua, de muito trabalho, que exige doação plena, a ponto da nossa profissão ser freqüentemente comparada ao sacerdócio. E há muita verdade nisso, principalmente no que diz respeito a lidar com o ser humano em seus momentos de maior aflição e fraqueza, a manter em sigilo os segredos que lhes forem revelados, a sacrificar a sua vida pessoal para ajudar ao próximo. Incomoda-me, no entanto, quando a palavra sacerdócio é removida deste contexto de serviço e utilizada para justificar uma remuneração indigna que não condiz com a responsabilidade de quem lida com a vida humana. Defendo veementemente que o médico seja remunerado adequadamente pelo seu trabalho.

A intrusão do comércio no setor da saúde vem provocando uma crescente sensação nos médicos e na população em geral de que algo profundamente errado está acontecendo com a medicina. O que se observa hoje no setor é a aplicação de princípios industriais de produtividade, eficiência e geração de recursos. Médicos são “prestadores” e pacientes “consumidores” de um serviço que é a medicina. A comercialização da saúde trouxe a cultura do sucesso, do resultado, do empreendedorismo, da maximização do tempo, preceitos muitas vezes incompatíveis com as questões humanas, geralmente marcadas por um tempo mais lento. Um exemplo nítido de que o aspecto humano tem sido extremamente desvalorizado pelo atual sistema de saúde é o lugar que a consulta médica ocupa no conjunto do tratamento dispensado a um paciente.

Minhas senhoras, meus senhores, meus caros alunos: a consulta médica seja ela feita por um clínico geral, especialista ou cirurgião, é o evento mais importante da interação entre médico e paciente. Representa a essência do trabalho médico. É através dos dados cuidadosamente colhidos na anamnese e no exame físico que procuramos entender a doença e, principalmente, conhecer o doente. É durante a consulta médica que podemos observar como determinada patologia se manifesta de forma peculiar naquele indivíduo, que é único e carrega vivências, dramas e anseios também únicos. Senhoras e senhores este processo é artesanal e não industrial.

É na relação médico-paciente que se estabelece um pacto de confiança que vai servir de fulcro para todas as decisões médicas futuras, desde a prescrição de um simples analgésico até a decisão de suspensão de suporte de vida. A valorização desse momento rico e particular é fundamental para o sucesso de qualquer sistema de saúde. Incompreensivelmente, permitimos que burocratas completamente alheios às particularidades da nossa profissão ditem o valor do nosso trabalho. Em Junho de 2008, a Associação Paulista de Medicina pesquisou em consultórios médicos da cidade, o valor pago pelas 15 principais operadoras de saúde por uma consulta médica. Resultado: o valor médio foi de R\$ 37,18 reais. Estamos falando de um valor muito inferior ao de itens de produção industrial em larga escala, como peças de roupa, perfumes. Alguns pacientes que optam por pagar consultas particulares se revoltam ao receber menos de R\$ 40,00 reais de reembolso do convênio. Muitos dizem que não vale a pena se dar ao trabalho de solicitar reembolso para receber valor tão irrisório. Pois fiquem os senhores sabendo que o valor do reembolso é equivalente ao que o convênio paga aos médicos pelos serviços. O custo de manutenção de um consultório em um bom centro médico é de, aproximadamente, R\$ 3000,00 mensais com aluguel, água, luz, telefone e secretária. Trocando em miúdos, são necessárias quase 100 consultas por mês só para pagar os gastos fixos do consultório.

Esta desvalorização da consulta médica tem gerado repercussões no mercado de trabalho. Os senhores devem ter acompanhado no noticiário que o lamentável episódio da epidemia de Dengue no Rio de Janeiro vem revelando a falta de Pediatras no País. A Pediatria é uma especialidade essencialmente clínica que se vale exclusivamente da consulta médica. O que se tem observado é uma redução dramática na procura por esta e outras especialidades clínicas em todo o país. Paralelamente, cresce a procura por especialidades que contemplem “procedimentos”. Agora eu pergunto a vocês: porque meus senhores? A resposta é uma só: remuneração injusta da consulta médica, absolutamente incompatível com a complexidade e responsabilidade inerentes ao trabalho médico.

Como consequência direta desta injustiça, temos observado uma redução no tempo dedicado à consulta médica, com seqüelas devastadoras para a boa prática da medicina. Para “compensar” as consultas mais breves, exames complementares são solicitados sem o devido juízo crítico. A falta de percepção por parte dos empresários do setor de convênios de que uma consulta médica cuidadosa é a melhor forma de evitar o uso indevido e exagerado destas tecnologias revela enorme miopia administrativa. E mesmo quando estes exames são capazes de revelar a doença, eles não substituem a consulta, pois não ajudam o médico a conhecer o doente. Não restam dúvidas que o sistema atual de medicina de convênios tem causado prejuízo à interação médico-paciente. A maioria dos pacientes já não busca mais o profissional de sua escolha e sim aquele que está na lista do convênio. Esta impessoalidade tem sido percebida pelos pacientes e familiares quando se sentem abandonados nas horas difíceis, quando o diagnóstico é elusivo, quando a doença é terminal. Lidar com

estas situações demanda humanidade, sensibilidade, maturidade, mas também demanda tempo, fator chave que o sistema atual vem subtraindo dos médicos. Ao afastar o médico do paciente e aproximá-lo dos aparelhos, o sistema está lentamente reduzindo-os a técnicos em medicina.

Sofrem os pacientes, sofrem também os médicos. “Pesquisa do Conselho Federal de Medicina, realizada com 7.700 profissionais, revela que 44% sofrem de depressão ou ansiedade e 57% têm estafa e desânimo com o emprego. A prevalência de distúrbios psíquicos nos médicos supera em quase 11 pontos porcentuais a incidência na população em geral. Os especialistas falam que uma das origens da medicina doente é a falta de tempo dos médicos. Segundo o Sindicato dos Médicos de São Paulo, 82% dos profissionais atuam em três ou mais empregos. (Autor: Genário Barbosa; Fonte: jornal O Estado de São Paulo)”.

Lamentavelmente, este contexto tem contribuído para uma maior vulnerabilidade de alguns a desvios de conduta, como a utilização desnecessária de métodos diagnósticos para fins lucrativos e relações eticamente reprováveis com representantes de materiais e medicamentos. Estas respostas equivocadas de alguns médicos à desvalorização financeira do seu trabalho têm levado a uma crescente desvalorização moral da classe médica pela sociedade. Em seu discurso de paranínia à turma de médicos de 1988, o Prof. Dr. Heonir Rocha fez reflexões que permanecem extremamente atuais e pertinentes. Ele disse: “Hipócrates destacou como grande prêmio ao cumprimento de seu Juramento que o médico gozasse de boa reputação entre os homens. Foi uma bela valorização do homem pelo homem. A reputação na comunidade onde exercia a profissão era o julgamento que o médico aspirava. Será que o médico de hoje pauta sua vida pensando no julgamento que vai ter de sua comunidade? Ou suas preocupações obedecem a outra escala de valores?... Infelizmente temos assistido em nossa profissão à barganha da seriedade pela conveniência, da lealdade pelo sucesso, da sabedoria pelo exibicionismo, da tradição pela moda. Tudo isso é fruto de uma situação tumultuada de perda de princípios e valores que precisa urgentemente ser modificada, para a recuperação da respeitabilidade da nossa profissão (Heonir Rocha)”.

Sei que esta dura realidade não combina com o ambiente festivo da noite de hoje. Mas o fato é que não podemos mais permitir que o mercado de trabalho e as companhias de seguro toquem a marcha fúnebre para que nós mesmos enterremos a boa prática médica. O que fazer?

Pitágoras, filósofo e matemático grego famoso por sua lei acerca da geometria do triângulo retângulo, disse que “A primeira lei do homem deve ser o respeito de si mesmo” (Pitágoras). Queridos afilhados, não permitam que a má remuneração ou as condições de trabalho desvirtuem os seus sonhos, corrompam os seus caminhos. Não transgridam o juramento que hoje fizeram com tanto entusiasmo e com o coração cheio de alegria. Vocês não conquistarão a simpatia da sociedade para com esta nossa

nobre causa se descerem a qualidade do seu trabalho ao nível da remuneração que lhes for oferecida.

Precisamos começar a discutir estas questões já na Faculdade de Medicina da Bahia, para que se crie uma massa crítica pensante desde cedo. Precisamos lutar por melhorias no ensino médico em nosso estado e em nosso país, mas também precisamos de estratégias seletivas que garantam acesso ao mercado de trabalho médico apenas a profissionais devidamente qualificados, capazes de fornecer um atendimento digno à população. Assim poderemos exigir com mais propriedade que a remuneração se eleve ao nível do nosso trabalho.

Anatole France diria que “A vida seria intolerável se não houvesse sonhos”. Vocês poderiam replicar: “Sonhar (Pensar) é fácil, agir é difícil” (Goethe, modificado). Na minha tréplica, citaria Coolidge: “Não podemos fazer tudo ao mesmo tempo, mas podemos fazer alguma coisa imediatamente” (Calvin Coolidge). Diante desse quadro, o que fazer? Como acreditar e se empenhar para fazer um caminho capaz de contribuir para uma verdadeira transformação desse cenário? Diria hoje a vocês com o carinho que o lugar de padrinho me atribui: é preciso buscar os sinais de esperança! Ver e se comprometer com os programas que permitem e preparam uma transformação. Ser firmes e fieis às suas convicções, observar e aprender de tantos profissionais que nos precederam ou que hoje conosco convivem como modelo de uma medicina ética, a serviço da vida. Observem e aprendam dos professores que hoje escolheram homenagear. Destaco a figura da professora Eliane Azevêdo, nome da turma, que foi e continua a ser porta-bandeira da ética médica para várias gerações. Chamo também atenção para o Patrono da turma, o professor Antônio Carlos Vieira Lopes, que este ano se aposentou da nossa Faculdade após mais de três décadas de conduta exemplar. Peço licença a vocês para uma memória do coração: a gratidão que sinto de ter encontrado em casa esse modelo na figura de meu pai, Heonir Rocha, homem de caráter, profundamente firme na sua ética de vida. “O caráter manifesta-se nas grandes ocasiões, mas forma-se nas pequenas”, disse Phillip Brooks. Não foi num grande discurso ou única conversa que o meu pai me ensinou sobre caráter. Foi nas pequenas ações do dia-a-dia. O mesmo ocorre com a prática médica. Para nós professores, sabermos que servimos de modelos para muitos de vocês aumenta ainda mais a dimensão das nossas responsabilidades como docentes da FMB e nos leva a refletir sobre todas as nossas atitudes dentro e fora do Campus Universitário.

Gostaria de encerrar agradecendo mais uma vez à turma de 2008.1 pela homenagem que prestaram a mim e aos professores e funcionários aqui presentes. Desejo a todos muitas felicidades na vida pessoal e profissional. Diante dos desafios da jornada que hoje se inicia, lembro de uma oração muito cara a meu pai, escrita num acrílico conservado em sua mesa de trabalho em todos os lugares por onde passou e que foi como que um lema na sua vida: “Deus conceda-me **serenidade** para aceitar as coisas que não posso mudar, **coragem** para mudar as coisas que posso, e **sabedoria** para reconhecer a diferença”. Obrigado.